

OS LIVROS E OS AUTORES • OS LIVROS E OS AUTORES • OS LIVROS E OS AUTORES

siderar a história grega, alterando-lhe em diferentes sentidos feições características». A crítica contemporânea tem de considerar *O Helenismo e a Civilização Cristã* como uma peça da vasta obra histórica de Oliveira Martins. E mesmo que não atribuamos à discussão sobre o livro travada entre Martins e Antero um papel decisivo nas evoluções das ideias deste, como propõe António Sérgio (*Ensaio*, vol. VI), não podemos deixar de reconhecer que a sua reedição coloca ao alcance de todos os estudiosos um documento da mais alta importância para a investigação da evolução das ideias da Filosofia da História, em Portugal, na segunda metade do século XIX.

FERNANDO PITEIRA SANTOS

DIVULGAÇÃO

HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA

POR RÓMULO DE CARVALHO

Com o pequeno volume *História da Fotografia* escreve o Dr. Rómulo de Carvalho o segundo número da colecção «Ciência para gente nova», que a livraria Atlântida, de Coimbra, tem estado a publicar, em engraçadas e sugestivas brochuras. O primeiro número intitula-se *História do Telefone*; no próximo se encontra já a *História dos Balões*. O título da colecção faz pensar em obra divulgadora; e, porque o divulgar é, de ordinário, sinónimo de deturpação, ou, pelo menos, de artificiosa selecção de ideias — tal vez que estes livrinhos passem incógnitos ao autêntico estudante. Se isso acontecer, é lastimável. Porque, mesmo admitindo que se trata de obra de divulgação, os livros foram elaborados com critério tão superior e com tanta honestidade que o que neles se divulga é verdadeira matéria cultural. Não se trata aí de divulgar o que é de mais seguro êxito publicitário; não se trata de simplificar problemas científicos para os tornar acessíveis à gente moça. O objectivo dos livros não é o imagético ou a novidade; é o autenticamente científico, o autenticamente cultural. Porquê e de que maneira?

1.º — Colocando o leitor em contacto com a génese e evolução daquelas ideias científicas que determinam as realizações técnicas que se historicam; mas estabelecendo esse contacto, por um lado, sobre documentação segura e, muitas vezes, dos próprios originais

dos investigadores; e, por outro lado, pela análise e estudo das próprias noções científicas em questão;

2.º — Explicando, didacticamente, essas noções científicas;

3.º — Tornando entendível o elo teoria-técnica, de modo a pôr em relevo o processo de transformação das ideias nas respectivas realizações; e mostrando, por consequência, como teoria e técnica são anverso e reverso.

Estas histórias são, portanto, alguma coisa muito diferente do que é vulgar publicar-se. Costuma historiar-se, em publicações deste género, a vida dos inventores, imaginando neles seres humanos geniais; depois mostra-se como tais indivíduos descobrem, num relâmpago de intuição, as maravilhas técnicas de que são autores; uma que outra vez faz-se levíssima referência ao ambiente histórico contemporâneo do inventor em causa, mais para mostrar como tal ambiente foi sempre hostil (?) à obra dele do que para tornar compreensível que indivíduo sem ambiente é mera abstracção de maus fantasmas.

Nestes livrinhos do Dr. Rómulo de Carvalho, muito ao invés, o leitor chega à clara compreensão de como em toda invenção técnica é uma relação teoria-técnica; quer dizer, como a actividade científica — a mais abstracta, a mais pura — tem importância decisiva no progresso técnico, e vice-versa. Compreende mais ainda (o que também é importantíssimo) que há uma como tácita cooperação histórica entre os homens de ciência, de maneira que o trabalho de uns, mesmo que modestíssimo, prossegue e aperfeiçoa o trabalho de outros; sendo por isso um mito a crença na genialidade pura.

Por tudo o que digo, obras com esta orientação seguida pelo Dr. Rómulo de Carvalho têm um fundo significado pedagógico e principalmente de formação da personalidade. É que elas correspondem ao perfeito ideal propugnado por Ramón y Cajal nas suas *Reglas y consejos sobre investigación científica*:

«Que gran tónico seria para el novel observador el que su maestro, en vez de asombrarlo y desalentarlo con la sublimidad de las grandes empresas acabadas, le expusiera la génesis de cada invención científica, la serie de errores y titubeos que la precedieron, constitutivos, desde el punto de vista humano, de la verdadera explicación de cada descubrimiento! Tan hábil táctica pedagógica nos traería la convicción de que el descubridor, con ser un ingeniero esclarecido y una poderosa voluntad, fué, al fin y al cabo, un hombre como todos».

O Dr. Rómulo de Carvalho é professor

de físico-químicas e autor do livro de química adoptado no 7.º ano dos liceus. Tomando a iniciativa desta colecção para gente nova, realiza com coerência exemplar o ideal do verdadeiro mestre que Cajal tão justamente caracteriza. (*Edição Atlântida*, Coimbra, 1952).

JOSÉ PESSEGUEIRO

POESIA

REFLEXO

DE FLORIVAL DE PASSOS

DOS três arquipélagos lusos do Atlântico é o da Madeira o literariamente mais pobre. Ao passo que Cabo Verde possui já uma literatura bem cabo-verdiana e nos Açores se iniciam seguros para a açorianização da sua, a Madeira permanece campo ideal para proliferação de poetas e prosistas anódinos, desdenhosos do que é novo, progressivo, olímpicamente alheios à vida do seu meio. E, embora haja insularidade na poesia de três notáveis poetas modernos ali nascidos — refiro-me a João Cabral do Nascimento, Edmundo de Bettencourt e João de Brito Câmara —, é uma insularidade *tout court*, epidérmica, que tanto poderia vir da Madeira como de Cabo Verde ou dos Açores. Que eu saiba, só José Marmelo e Silva — um metropolitano — tocou até agora em poesia uma nota que é bem do arquipélago da Madeira: a humanidade resignada e a desolação seca de Porto Santo («Poemas da Ilha de Porto Santo», na *Seara Nova*).

Florival de Passos, operoso fazedor de sonetos, autor do livro que motiva esta nota — *Reflexo* —, é um exemplo típico da desactualização e do desenraizamento que caracterizam a produção literária da Madeira.

Li e reli os quarenta sonetos do seu livro e, por mais que procure, em nenhum deles encontro o mínimo vislumbre de autenticidade poética, a mais ligeira marca de humanidade. Neste livro não há vida, sequer uma marca de vida digamos subjectiva. Há, sim, literaric, passadismo, vacuidade, versejira de almanaque, lirismo sedição. Mesmo quando este literato pretende cantar o mar, motivo tão do agrado dos líricos das ilhas, fá-lo reeditando lugares-comuns de selecta escolar. Para Florival de Passos o mar resume-se nisto:

*Foi ele o companheiro das cruzadas.
Tem sido o nosso amigo, o nosso irmão!*

E aconselha este remédio... histórico:

*Se tendes assustado o coração,
Vendo as águas do mar mais agitadas,
Pensai nas datas tão assinaladas
Que nos deram fiel coração!*

Francamente, é tempo de se porem de parte coisas deste jaez; é tempo de os senhores literatos das ilhas se convencerem de que literatura não é passatempo. Basta da velha história: que vivem afastados dos grandes meios culturais, que não têm estímulos, etc. Apreçoar tais contras não é mais do que pretensão a justificar a preguiça mental que os corrói, a sua cómoda atitude de alheamento ante os problemas da sua terra, do seu povo. Reparem no exemplo que são as obras de

Vitorino Nemésio, de Jorge Barbosa, de Baltasar Lopes, de António Nunes — e sejam escritores do seu meio e do seu tempo, sejam realmente a voz do seu povo. Continuar na «poesia» oheirenta das melancolias inventadas e das deliquescências ultra-românticas é que não.

Ignoro a idade de Florival de Passos. Se é novo, ainda estará, talvez, a tempo de arrear caminho, abrindo os olhos para a vida e apetrechando-se com uma cultura séria, esquecendo *Reflexo* e todos os outros atentados de lesa-poesia de que é autor. Se não, tenha ao menos o bom senso de ficar por aqui. (*Edição do autor*, Funchal, Madeira, 1952).

PEDRO DA SILVEIRA

Invenção de Orfeu

apresentado e cuja frescura ainda nos é possível sentir, ou o Jorge de Lima filosofante que vinhamos descobrindo desde *Tempo e Eternidade*, *Túnica Inconstruída* e *Anunciação* e *Encontro de Mira-Celi* e agora se expressa totalmente, que é ao mesmo tempo o Jorge de Lima revolucionário da estética, violentador da língua, da semântica e da imagística que desde sempre vinha formando-se para agora eclodir vulcânicamente. Foi talvez a pensar neste segundo aspecto que tão facilmente se sente em *Invenção de Orfeu* que o filósofo brasileiro Euryalo Caynabrava, referindo-se ao poema, afirmou: «Há nas páginas tumultuosas desse poema cíclico um sopro épico, qualquer coisa que nos faz remontar às origens da vida e do universo, uma espécie de cosmogonia lírica em que forças primitivas geram as criaturas e os produtos da natureza». E mais adiante ainda: «Não há dúvida de que no poema de Jorge de Lima a tônica fundamental decorre de manipulações linguísticas, sobretudo semânticas, que introduzem novos valores no contexto das estruturas líricas». Por isso afirmo, no início desta linha, ser possível que, no futuro, este ano de 1952 venha a ser considerado como um dos momentos mais importantes da poesia de língua portuguesa; por isso me referi, também, ao aspecto técnico de *Invenção de Orfeu*. Aquilo a que nos levarão os caminhos formais e estéticos abertos por Jorge de Lima é momentaneamente impossível de avaliar, mas talvez me não engane muito se afirmar que o impasse da poesia de língua portuguesa se encontra,

com a publicação de *Invenção de Orfeu*, num momento semelhante aos do aparecimento de Camões, Bocage, Antero de Quental, do grupo do Orfeu, Fernando Pessoa, do modernismo brasileiro de 1922 e do grupo da *Presença*.

Com efeito, Jorge de Lima acaba de provar cabalmente que, de certo modo, a poesia é uma «experiência com a linguagem». Raramente nos é fácil deparar com tão grande «capacidade de extrair das palavras os estratos depositados por tradições milenárias».

Aquilo que Murilo Mendes apoda, em Jorge de Lima, de «lúcido delírio» nada mais é senão a descoberta do que, seguindo igualmente Murilo Mendes, poderemos chamar de uma «dimensão nova».

Complexo e erudito, vulcânicamente lírico, o poema de Jorge de Lima — surgiu numa amalgamação de Dante, Camões, Gongora, Lautréamont com os poetas do Velho Testamento e as experiências pessoais de alguém que também é pintor e médico e se serviu da fotomontagem para melhor se exprimir — transcende os limites de uma calma crítica, pois que é, na realidade, uma espécie de suma em poesia, da nova época».

Dado ao público do Brasil e de Portugal, presente na mesa de trabalho dos ensaístas e estudiosos... só a crítica especializada futura poderá dizer do novo livro de Jorge de Lima tudo quanto ele tem para se dizer, estudar, compreender e criticar.

TOMÁS RIBAS

ALBERTO CAEIRO
POETA DE CLASSE

COM a recente reedição dos *Poemas* de Alberto Caeiro (1), não se pode arredar a tentação de novamente percorrer o dedalo todo o Fernando Pessoa. Não cansa nunca voltar ao convívio do caso mais singular da nossa poesia moderna, do grande poeta por si mesmo retalhado que fez de um jogo despegado e pessoalíssimo o seu mais constante motivo e a causa maior, por menos a mais próxima, do próprio impedimento. Animam-se outra vez da primeira frescura a dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica e Lidia, com o poeta, à beira do rio, de mãos classicamente enlaçadas, o velho Chevrolet pela estrada de Sintra e o homem do leme defrontando o mostrengo, o guardador de rebanhos que nunca guardou rebanhos, de olhar nítido como um girassol e o traspassado de balas doloroso e tão actual menino da sua mãe. Uma que outra vez, raramente, o sentimento simples e comum escapava-se-lhe por entre as malhas da rede resistente e bem vigiada do artificialismo voluntário: jaz morto, e apodrece / o menino da sua mãe. O resto, porém, é sempre, forçosamente, recusa.

Rilke dizia-se e dizia-nos: *Sonhos que cachoam no teu fundo / liberta-os da escuridão*. Mas Pessoa não podia libertá-los (nasceria muito tarde para isso) sem os forçar imediatamente a uma nova prisão. Se os libertava era para desfigurá-los, desmembrando-os, para paradoxalmente os tornar escravos de uma libertação irreconhecível. Não poderia dizer como Rilke: *Cada porta cede dentro de mim*. Propunha portas sobre portas, que só aparentemente abriam caminhos. O seu destino era adiar, desviar, impossibilitar, do modo mais engenhoso e aliciente, aquela revelação para que, como poeta, como grande poeta, não podia deixar de se sentir permanentemente impulsionado. Originariamente, o seu drama é esse. Mas como responsabilizá-lo pessoalmente por ele? Na voz de um poeta não é a vontade, ou não é só a vontade, que manda. Toda a poesia, toda a arte que chamamos moderna, acusou essa necessidade profunda de seccionar, de forçar a um outro aspecto o aspecto da realidade, por mais dissimulada, sempre presente. O fingir é conhecer-se de Pessoa não será talvez rigorosamente pessoal. E mais directo e sério do que procurar o sangue hebreu para explicá-lo — como já se pretendeu... — é certamente indagar da situação do mundo e dos homens no momento em que Pessoa mudou o sino da Igreja dos Mártires no sino da sua aldeia e o Largo de S. Carlos na aldeia em que nasceu. Toda a arte se transformara, como Mougin diz da pintura, num espelho partido. E foi desse mesmo espelho partido, com as suas mil imagens tornadas aparentemente desconexas, que a poesia truncada, no processo e no resultado, de Pessoa realmente nasceu. A necessidade de exprimir a realidade desconexamente reflectida no espelho partido, eis o que tornou possível a novidade positiva de Pessoa,

que vem a ser, ao que penso, o ter dado o toque definitivo na criação desta nova língua com que inegavelmente a poesia portuguesa conta depois dele.

Tal poeta não é um poeta fácil. Como tem já tão grande aura? Já há mais de dez anos José Régio notava que, atrás do ainda relativo bom êxito de Pessoa, se vinha precipitando a companhia dos tais sempre à coca das reputações literárias crescentes. Já estes se aprestam, nos jornais e revistas, escrevia o autor das *Encruzilhadas de Deus*, a lançar ao ar os seus foguetes estrelajantes e ocios. Hoje Fernando Pessoa entrou nas selectas escolares. Não há quem não fale familiarmente do Álvaro de Campos, do Ricardo Reis, do Alberto Caeiro, do Fernando Pessoa — ele mesmo... Não há quem não entre nos cafés com os seus livros debaixo do braço. No entanto, sem esquecer as excepções honrosas, a apologia, como já notou Joel Serrão, *subjugou a visão crítica na quase totalidade dos que estudam a sua obra*. E tão profundo tem sido o prejuízo que o clima apologetico criou à volta do poeta que havemos de convir em que nada poderá acorrer hoje em auxílio do seu verdadeiro estudo e compreensão, nada tão profícuo e urgente, como a irreverência com que Virgílio Ferreira se atreveu a pensar que um alto serviço prestado às gerações futuras seria precisamente esse de nos aplicarmos todos a descascar Pessoa, a ver o que tem dentro. Descascar Pessoa arrepiará os que quiseram transformá-lo num mito criado, peça por peça, para justificar a sua tese preconcebida. E, no entanto, é desse esforço, mesmo sem irreverência, que Fernando Pessoa irá surgindo do fundo da floresta de enganos em que quiseram sepultá-lo. É desse esforço, por exemplo, que o falso problema dos heterónimos vai sendo posto no pé que lhe convém. De problemática central da poesia de Pessoa, a que alguns dos seus primeiros propagandistas os desejaram quindar, os heterónimos têm sido pouco a pouco reduzidos às proporções normais de pseudónimos, a uma simples brincadeira talentosa, como ultimamente e justamente foram considerados. Todo o mistério das outras personalidades, de que Pessoa teria sido puro médium, personalidades antagonicas e sobrenaturais surgidas no mesmo homem, vai empalidecendo e sofrendo, até, aqui e além, graças aos maus sacerdotes, a sua ponta de ridiculo.

PALAVRAS E CORES
por **Mário Dionísio**

seguí nunca encontrar nas várias faces do poeta nem respostas diferentes nem mesmo diferentes ângulos de visão. A identidade ideológica e sentimental mantêm-se de Pessoa para Campos, de Campos para Caeiro, de Caeiro para Reis. Divergência entre os vários pseudónimos existe. Mas é, como Mar Tallegra notou, salvo erro, pela primeira vez, essencialmente processual e formal. O que procuradamente se altera em Pessoa, o que varia prodigiosamente e denuncia, no mínimo pormenor, a invulgar capacidade construtiva poética do autor da *Ode Marítima* é (chamemos-lhe assim) a sua técnica. o estilo de arranjo de palavras e imagens, o jogo dos elementos linguísticos, o modo de repetir, em várias vozes e tons, a sua dramática, irrevogável, incompatibilidade com a sociedade, o declarado desgosto do mundo e a desconfiança no homem, a propaganda (que a fez!) de um ideário anarquizante e antiprogressivo por excelência, que o excedia.

É, aliás, nesta fidelidade à ideologia de uma classe, que exprime e a quem se dirige, que podemos procurar a chave do grande e rápido êxito de Pessoa. Ele vem fechar o grande ciclo aberto por Camões. Ele vem exprimir, no momento preciso, os desalentos e os desesperos, o cansaço e já a saudade, a desilusão e os cultivados caprichos, a transferência da esperança para um cerebralismo requintado — mas não mais útil, daque-

que Pessoa, numa espirituosa carta célebre, atribuiu físicos e biografias diferentes, encontramos em todas elas uma identidade de pensamento e atitude flagrante, em que toda a nota discordante é pormenor. Tão flagrante que julgo difícil aceitar a tese de Prado Coelho, segundo a qual os heterónimos traíam cada um a sua resposta à inquietação crucial do poeta, ou a de Virgílio Ferreira, que atribui os heterónimos a faltar, o poeta, as coisas de vários ângulos para as rachar nas suas contradições, nesse jogo que, servindo a Hegel para forçar ao progresso da Ideia, serve também aos decadentes modernos para liquidarem o optimismo. Não con-

les para quem a realidade de então em diante irremediavelmente se reflecte no espelho partido.

Pessoa não será um génio. Mas é certamente mais do que o expoente máximo apenas de um período literário secundíssimo, como quer Mário Sacramento no seu recente e curioso artigo de *Vértice*. Ele é a voz de um grupo social inteiro. Ele e os seus pseudónimos cantam a mesma mágoa terrível de muitos homens para quem tudo ganhou o sabor de já visto, para quem, num mundo em que tudo começa a tornar-se possível, nada já é possível. A voz mais clara de Pessoa é, sob este aspecto, a de Alberto Caeiro, precisamente sobre o qual ele escreveu: *se há parte da minha obra que tenha um cunho de sinceridade, essa parte é... a obra do Caeiro; precisamente, pela voz do qual ele esclareceu que ser poeta não era uma ambição sua, mas a sua maneira de estar sózinho*.

O sófrego impulso com que Caeiro se entrega ao desejo de despersonalização e de fusão com as coisas (*Quem me dera que a minha vida fosse um carro de bois / ... / Eu não tinha que ter esperanças — tinha só que ter rodas ...*)! A força de autoconvicção que ele quer pôr na apologia que fez do natural puro, do apenas sentido! Rodeios... Deseja que o vejamos como *qualquer coisa natural*, como uma árvore antiga; declara que não tem filosofia: tem sentidos; considera superior a tudo a clara simplicidade / *E saúde em existir / Das árvores e das plantas; recria uma concepção panteísta (Se Deus é as flores e as árvores / E os montes e o sol e o luar, etc.); renega tudo onde se possa descobrir uma coerência, uma consequência, um compromisso. Caeiro responde prontamente à necessidade classicista de negar a interpenetração mútua e a inseparabilidade do absoluto e do relativo, de desmentir o nexo só aparentemente irreal que explica o geral e o particular: *A Natureza é partes sem um todo / Isto é talvez o tal mistério de que falamos*. A consciência revela-se-lhe o maior obstáculo. *A única inocência*, canta o estranho guardador de rebanhos, *é não pensar*. E noutro passo: *Bendito seja eu por tudo quanto não sei*. Pela voz de Caeiro, o cerebral Pessoa estrutura a sua linha de defesa numa defesa desesperada que é já um ataque: *Pensar é estar doente dos olhos: Pensar incomoda como andar à chuva / Quando o vento cresce e parece que chove mais; Pensar é não compreender*. Ei-lo desafiando toda a metafísica. Reinventa Cristo. Mas quem*

não verá neste desafio do poeta heterónimamente «materialista», que pensa com os olhos e com os ouvidos / *E com as mãos e os pés / E com o nariz e a boca*, uma raiz e uma floração perfeitamente metafísicas?

De súbito, pela estrada fora, surge e desaparece uma diligência simbólica, que não deixa a estrada mais bela, nem sequer mais feia, uma diligência que ele expressamente identifica com a acção humana, que nada muda, que nada acrescenta. É por ela que Caeiro, embora a ordem cronológica seja outra, passa ao campo concreto político e social, por aqui que ele definitivamente se cola à sua classe.

Ontem à tarde um homem das cidades / Falava à porta da estalagem, começa o poema xxxii. *Falava da justiça e da luta para haver justiça / E dos operários que sofrem, / E do trabalho constante, e dos que têm fome, / E dos ricos, que só têm costas para isso*. O guardador de rebanhos ouve-o distraído, dizendo no fundo de si: *Que me importam a mim os homens / E o que sofrem ou supõem que sofrem? Nos Poemas Inconjugados a tensão dramática ameaça resolver-se porque a dúvida esmorece: a fome de que fala o pregador da verdade dele será fome de comer ou é só fome da sobremesa alheia? E, enfim, versos depois, a posição de que tudo parte ou a que tudo nele vem dar está definida: *Eu nunca daria um passo para alterar / Aquilo a que chamam injustiça do mundo. / ... / Aceito a injustiça como aceito uma pedra não ser redonda, / E um sobribo não ter nascido pinheiro ou carvalho*. Páginas antes: *Tudo o mal do mundo vem de nos importarmos uns com os outros*. O que tem afinal uma ligação sólida e inegável com o que Fernando Pessoa, o Fernando Pessoa-cidadão, não o Fernando Pessoa-poeta (distinção capciosa e vã a que só me atrevo ainda em atenção à hipótese dos heterónimos...), escreveu numa carta datada de 1931: *Pasmo hoje, com vergonha inútil (e por isso injusta), de quanto admirei a democracia e nela cri, de quanto julguei que valia a pena fazer um esforço para o bem da entidade inexistente chamada «povo» (...)*.*

E, no entanto, a obra de Fernando Pessoa não é apenas a expressão de uma classe. Ela é sem dúvida a clara revelação poética de uma ideologia decadente e condenada que nela gravou poderosas e inevitáveis inibições. Pessoa é sem dúvida um poeta de classe, com um pensamento de classe e uma sensibilidade de classe. Mas esta obra de Pessoa, toda a obra de Fernando Pessoa, constitui, ao mesmo tempo, apesar e através das características ideológicas que a definem, um enriquecimento: um enriquecimento da expressão poética portuguesa, não mais separável desta, sem o qual esta não poderá já passar, mesmo lançada para mais vastos e generosos cantos.

(1) Edições Ática. Lisboa, 1952.

